

Comercialização de castanha foi fraca

A província da Zambézia conseguiu comercializar apenas 2 125 toneladas de castanha de caju, na campanha 92/93, índice considerado fraco, pois corresponde a 51 por cento da meta fixada em 4 000 toneladas.

Em declarações ao "Domingo", o chefe de comercialização da Comissão Provincial de Caju na Zambézia, Mário Francisco Biriba, disse que isso se deveu ao início tardio da campanha que por sua vez foi motivada pela falta de fundos por parte da Direcção da Caju de Moçambique.

Antes de se começar com a campanha, a província recebeu uma informação segundo a qual, a comissão não deveria receber castanha, facto que deixou **muitas dúvidas** aos agentes económicos.

A preocupação baseou-se no pormenor de que, se a entidade superior (a Caju de Moçambique) não iria absorver a castanha, quem compraria o produto aos armazenistas nos diferentes pontos daquela província?

Tratando-se de uma situação considerada grave, o próprio Secretário de Estado da Caju deslocou-se à

Zambézia, onde manteve um encontro com vários intervenientes, destinado a esclarecer as preocupações da Caju de Moçambique.

Mesmo assim, os armazenistas foram autorizados a fazer a exportação directa, mas aconteceu que a maior parte da castanha tinha sido consumida ou vendida nos mercados rurais.

A castanha não chegou a ser exportada porque, conforme explicou a nossa fonte, é preciso encontrar-se uma oportunidade própria, para não existir coincidência com outros países produtores de castanha, como é o caso da Índia, por exemplo.

Porque as fábricas de Maputo estão praticamente paralisadas, por falta de matéria-prima, a castanha armazenada será escoada brevemente para a capital do país.

Espera-se que até ao fim deste mês sejam escoadas para Quelimane mais de 600 toneladas de castanha que se encontram em Pebane, um dos maiores produtores da castanha de caju na Zambézia. Outros distritos potentes neste processo são Gilé, Ile, Mocuba, Maganja da Costa, Namacurra e Nicoadala.